

FH fala de mérito e competição na universidade

11 OUT 1996

ESTADO DE SÃO PAULO

Integra do discurso do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na audiência com membros do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

"Meu caro amigo Paulo Renato, ministro da Educação, Professor Martins, reitor da Unicamp e presidente do Conselho de Reitores da Universidade Brasileira, Senhores reitores, Senhoras reitoras, Senhoras e senhores, Senhores dirigentes do Ministério da Educação,

Fui professor a vida toda e obediente ao nosso reitor Fava. Embora, hoje, já afastado das lides universitárias e com a generosidade da USP, tendo o título de professor emérito daquela universidade, é sempre, para mim, uma grande satisfação ter contato com aqueles que dirigem as nossas universidades.

E quero começar por onde terminou o ministro Paulo Renato. Também quero ser solidário com os reitores, porque sei o que significa dirigir universidades. Eu, ainda muito moço, com menos de 30 anos, fui membro do Conselho Universitário da USP. Em lutas muito grandes, daquela época, pela democratização da universidade e, durante muitos anos, até 1964, continuei no Conselho Universitário da USP. Fui representante dos antigos alunos, fui dos doutores, fui dos docentes e me tornei — título hoje antiquado — catedrático.

Bem, assisti de perto, sobretudo o reitor Ulhoa Cintra, com quem trabalhei muito de perto, na USP. Nós fundamos, naquela ocasião, a Fapesp e promovemos várias modificações na universidade. E eu sei, de perto, o quanto é difícil. E sei dos dois lados. Sei como líder dos antigos alunos e dos auxiliares de ensino, naquela época, hoje chama-se Adusp, eu fui fundador dessa organização, que hoje

me dá tanto. Sei, portanto, dos dois lados, como quem luta através das formas próprias, dos professores e dos alunos e como quem decide, no Conselho de Universidade, como é difícil levar adiante a incorporação universitária. Isso é próprio da corporação universitária. Foi assim desde tempos imemoriais. A universidade sempre teve um quê de rebeldia. E universidade que não tem um quê de rebeldia, provavelmente, não está cumprindo o seu papel. Tem de ter um quê de rebeldia.

Mas eu me recordo também de que quando era representante — acho que dos assistentes, auxiliares de ensino, na USP — me opus a certas reivindicações que queria assegurar direitos que, na verdade, eram privilégios, sem que houvesse competição, sem que houvesse requisitos de tese, de mestrado, de doutorado. E eu me opus a isso — para surpresa do então reitor e dos professores que compunham a USP — porque eles esperavam que eu fosse defender teses corporativas. E eu não as defendi jamais, nem naquela ocasião. Por quê? Porque assim como é próprio da universidade um espírito libertário, é próprio da universidade, também, a competição pela excelência.

Universidade não é um local onde se possa, pura e simplesmente, deixar que o tempo corra, e ir assumindo funções, sem que haja uma preparação do espírito, sem que o pesquisador, sem que o professor demonstrem a sua paixão pelo conhecimento. Sem essa busca de excelência, não há universidade. É uma incompreensão pseudo-democrática imaginar que, na universidade, tudo tem de ser igual para todos. Não. A universidade tem de reconhecer o mérito, o mérito do aluno e o mérito do professor. E nem sempre está relacionado, esse mérito, com a condição material, e nem sempre, também, com a hierarquia. Muitas vezes, o professor mais jovem faz coisas mais importantes que o professor mais antigo. E o mérito tem de ser reconhecido de toda maneira. O que não quer dizer, muitas vezes, que tenha de ter as mesmas posições de outra natureza, na hierarquia burocrática, do que o professor mais antigo. Mas o mais jovem tem

de ser prestigiado. Isso, aliás, é algo que me preocupa muito, nas nossas universidades. Não é tanto com o final da carreira, mas é com o meio da carreira, que é quando a pessoa está, realmente, exercendo, na sua plenitude, as suas capacidades, que precisa de mais apoio, até mesmo material. Ao contrário do que se faz no Brasil, quem mais precisa de dinheiro não somos nós, que já somos mais velhos, não. São os que não chegaram à idade de já terem netos. Quando você já tem netos, você não tem tanto gasto. Você tem gasto maior é quando tem filhos na idade de escola, na idade de universidade. Então, é preciso apoiar a carreira no meio dela, também, no início e no meio, e não só no fim.

Poris bem, eu acho que esse espírito, na universidade, tanto de liberdade, de autonomia, portanto, quanto de valorização do mérito e da competição, essa busca, essa inquietação, que deve corresponder à vida universitária, ela tem, claro, algumas relações com as condições materiais, mas não é tudo. E também não digo isso porque sou presidente da República, agora, não. Eu sempre disse isso.

Eu fui professor, tive a sorte de ser professor, em muitas universidades. No Brasil fui só da USP mas, fora do Brasil, fui professor na Universidade do Chile... Fui de muitas, mas, professor regular, eu fui na Universidade do Chile, fui na Universidade da França, fui no Collège de France, fui na Escola de Altos Estudos, na França, eu fui em Stanford, eu fui em Princeton e eu fui em Berkeley. Portanto, tenho uma experiência universitária razoavelmente ampla. E eu fui membro, também, de muitas associações científicas, no Brasil e fora do Brasil. Os meus colegas me deram o título de Presidente da Associação Internacional de Sociologia. Eu fui, durante muitos anos, membros do (...) dos Estados Unidos.

É lá participava, nessas organizações, das formas de aferição. Isso é um processo — e muitos aqui têm essa mesma experiência — importante, porque é para verificar que a aferição é feita independentemente da condição, do status da pessoa. É pelo mérito intrínseco

do projeto apresentado. E é sempre competitiva. Os recursos não são dados em função do prestígio, mas são dados — ou, pelo menos, se faz um grande esforço, nesse sentido — em função do que é proposto naquele momento.

Eu tenho uma experiência pessoal com o professor Gino Germani, que foi fundador da sociologia argentina moderna, depois foi professor da Universidade de Roma — já faleceu — e que tinha um tipo de pensamento, da sociologia, bastante diferente do meu. Mas nós fizemos um projeto em conjunto. E todo mundo dizia: "Bom, os dois juntaram-se, aí vai ganhar." Perdemos. Não é que perdemos. Consideraram que o tipo de projeto que nós tínhamos apresentado não se enquadrava nos critérios daquele ano do (...), e então não nos deram recursos — e eram recursos pequenos. E foi muito bom assim. Tem de ser assim. Tem de ser na base do mérito específico. E, quando se julga o mérito de um trabalho, não se está julgando a pessoa. Porque, muitas vezes, aquele trabalho é ruim e a pessoa é boa. O vice-versa é mais difícil.

Mas é possível, quer dizer, você tem de julgar objetivamente. Isso é o espírito universitário, que requer, ao mesmo tempo, criatividade, inovação, um espírito literário, mas humildade, que é a parte mais difícil para qualquer um de nós, intelectuais. Mas ela é essencial. Humildade implica reconhecer os critérios, reconhecer o outro, a competência do outro. E seguir as regras, submeter-se às regras, seguir os concursos, essa coisa toda.

Acho que hoje, no Brasil, nós já temos maturidade para enfrentar as questões da universidade com um espírito muito objetivo. É claro que vão existir sempre reivindicações corporativas. É normal que existam, e muitas têm de ser atendidas. As corporações também existem e, também, há necessidades que, muitas vezes, do ângulo da visão meramente da qualidade, não se percebem certas questões, que são importantes, também, na vida cotidiana.

Mas, hoje, nós temos de ter coragem para reformar. É muito difícil. Reformar cada instituição brasileira. E nós estamos reformando, porque o país precisa dessas transformações. E

Maquiavel já dizia que o momento mais difícil é o da reforma. Por quê? Com a situação estabelecida, tem aliados, tem beneficiários, tem pessoas que, sejam ou não beneficiárias, já estão com o seu espírito moldado naquela situação.

Quando se começa uma transformação todos aqueles que estavam acomodados ficam pelo menos inquietos. Se não ficam contra. E não se tem aliados ainda, porque ninguém viu o resultado. Então, é uma travessia difícil. O início de um processo de mudança é sempre difícil e requer coragem. A coragem só não basta não. Precisa estar bem embasada numa convicção. E essa convicção deve estar amadurecida. Mas, uma vez amadurecida a convicção, temos de lutar e, aí, tem de enfrentar. Tem de enfrentar.

Fui ministro da Fazenda e, durante o tempo todo, na minha porta, tinha cantoria contra. Contra o Real. Hoje, com o Real, vai falar contra para ver o que acontece. Mas se eu tivesse ficado com medo daquela cantoria todo dia, ali... e diziam, está a serviço do Fundo Monetário Internacional. Não sabiam que o único programa de estabilização do Fundo não apoiou foi o nosso. Não sabiam, mas gritavam, repetiam, repetiam. A gente não pode ter medo dessa fanfarronada. Se (...) tiver convicção. Se tiver convicção, tem de enfrentar. E o resultado veio depois.

Os senhores estão numa fase que vão ter de ter convicção. Primeiro, tem de formar a convicção e, depois, ter a audácia, coragem para avançar nas transformações. Isso não pode ser, nunca, o apelido de intolerância. Eu acho que, em nenhum momento, o dirigente, seja do país, seja da universidade, deve ser intolerante, quer dizer, mesmo que tenha convicção, tem de ter a capacidade de ouvir a opinião do outro e, de repente, o outro pode ter um argumento que mude o nosso. Mas, enquanto não tiver o argumento, aí, nós temos que ser firmes nas transformações.

As mudanças que o professor Paulo Renato mencionou aqui, dá critérios gerais à avaliação para evitar o subjetivo e a incerteza, a insegurança. Porque é natural que, num processo novo, as pessoas tenham insegurança. E é obriga-

ção nossa, dos dirigentes, de darmos os elementos para que as pessoas se sintam mais seguras. O ponto de partida é sempre imaginar que se está com alguma coisa escondida, está dizendo isso, mas quer aquilo. Não. Tem de mostrar o que (...) querendo, o que se está dizendo.

E, portanto, tem de explicitar o caminho, tem de explicitar o concurso. Esse projeto agora é para isso. Esse decreto é para isso, para deixar mais claro qual é o mecanismo, qual, e já cadastrou os que têm condições para receber o programa da Secretaria de Assistência Social, que é o programa relativo aos idosos que não têm condições de renda na família, para ter um pouquinho mais de renda.

As coisas são assim. Elas não vão com rapidez, mas elas avançam. Elas avançam, mas só vão continuar a avançar se nós todos tivermos unidos neste propósito. E o que eu peço a vocês, hoje, no Dia da Criança, o que eu peço ao Brasil no Dia da Criança, é que cada brasileiro, cada brasileiro perceba que é responsável pelo que acontece com essas crianças. Todos nós somos responsáveis. E essa responsabilidade vira hipocrisia, cinismo, se dela não derivar uma ação em benefício da transformação do Brasil.

Faço um apelo a todos: continuemos com confiança, organizados, discutindo, não importa as posições políticas, discutindo, mas importa sim a boa fé e a convicção de que estamos no caminho certo. E faço, aí não é um apelo, o voto, o desejo a vocês todos que estão aqui, representando milhões de crianças brasileiras, que a situação que vocês vivem hoje, possa realmente mudar e que as próximas gerações não tenham que passar pela mesma experiência dura de um trabalho que é inapropriado para criança. E que vocês possam, ainda na geração de vocês, ter confiança num Brasil que seja capaz de oferecer o que vocês merecem e as suas famílias, como disseram: um pedaço de terra, um salário mais digno, acesso à educação, uma profissão e a crença de que vivem no Brasil, viverão num país mais justo, porque nós todos vamos lutar para que ele seja mais justo. Muito obrigado a vocês."